

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO VII, Nº 229 - MAIO- PORTO VELHO, 2008.
VOLUME XXIII – Set/Dez
ISSN 1517-5421

Desenho da Capa: Eliaquim Cunha

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - PUC-RGS
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

229



NARRATIVAS POPULARES E OS PROJETOS DE DIZER: UMA FORMA DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Valdemir Miotello



NARRATIVAS POPULARES E OS PROJETOS DE DIZER: UMA FORMA DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Valdemir Miotello

RESUMO: Defendo, neste artigo, analisando narrativas populares, que o sujeito narrativo vai se constituindo ao estabelecer na interação um projeto de dizer. E, para dar conta da arquitetura de seu querer-dizer, ele opera, naquela interação, com o conjunto ideológico possível, e se utiliza de um gênero de dizer que seja capaz de expressar o trabalho lingüístico desenvolvido, que tanto vai se utilizar de um estoque comum de narrativas e do sistema de língua, quanto vai atualizar a ambos, garantindo um sentido renovado e atual ao que está sendo dito. Daí que nesta atividade, tanto o sujeito quanto a narrativa, bem como o sistema ideológico e a língua, vão se revestindo de novas significações e se historicizando. E construindo uma unicidade pela interação, pelo uso do gênero e pelos enunciados.

Bakhtin, em Estética da criação verbal, ao discorrer sobre “O autor e o herói” e abordar “a forma espacial do herói”, cunha o conceito de “excedente da visão estética”, mostrando que “quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem” (Bakhtin, 1979:43). Efetivamente ao ocupar seu lugar no mundo, um lugar único, o sujeito tem determinada sua visão de mundo, que jamais será coincidente com a de qualquer outro sujeito. Daí que “quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila de nossos olhos” (Id.:ib).

Que significa isso para a análise de narrativas? Nossa proposta de discussão do sujeito não passa pelo sujeito assujeitado do estruturalismo e das teorias objetivistas, uma vez que nelas não é o sujeito quem pronuncia a palavra, mas a palavra, tomada como fazendo parte de um sistema, é que fala no sujeito.

Sem desconsiderar que o sujeito se constitui nas relações sociais, mas, ao contrário, considerando-o como aí constituindo-se pelo processo de internalização da linguagem, o sujeito narrador que nos interessa é aquele que, esquecendo as origens de palavras que tem como próprias, as incorporou com base em contrapalavras internalizadas em sua história. Trata-se, pois, de um sujeito histórico que é ao mesmo tempo determinado pela história e dela participa pela construção de novos sentidos. Assim, o sujeito é único e constituindo-se como narrador na roda, este estatuto não é um lugar vazio, mas construído na relação interlocutiva e, conseqüentemente, produto do trabalho do narrador e do seu interlocutor.

Ele apresenta uma visão de mundo que, ao repartir com outro sujeito, presente diante de si ou não, mas seu interlocutor, sócio-construtor de visões do mundo, ativo, responsivo, passa uma determinada visão de mundo, enquanto conserva consigo um “excedente de visão”, conforme Bakhtin, porque conhece a história e apenas ele pode ver o mundo do jeito que vê, e, por mais que ele fale sobre esta visão, ela nunca alcançará todos os ângulos do seu horizonte social.

Quando o narrador “seu” Chico, com quem interlocutamos em busca de histórias orais na região ribeirinha do Rio Madeira, em Porto Velho, fala da Cobra Cuniã, revela um esforço para repartir conosco seu mundo, suas crenças, sua fé no trabalho, sua esperança de dias melhores para todos os moradores do lago, sua certeza de proteção da cobra que irá garantir a permanência deles no lago, a despeito de o IBAMA querer tirá-los de lá, e muito mais conteúdos que eu, seu interlocutor, cúmplice daquela fala, não consigo alcançar. Minha imaginação não tem o mesmo recorte da dele, minha realidade, meus valores, minhas certezas e esperanças são outras, mas não são estranhas entre si, porque o horizonte social mais amplo compartilhado permite que encontre contrapalavras para construir, na interlocução, um sentido para o seu dizer..

Mesmo quando ele fala de Cobra Grande, certamente ele me apresenta um recorte de seu universo que jamais poderei freqüentar com a mesma identidade, pois que sua relação com o mundo admite como racional e como real a existência da Cobra Grande, enquanto que na minha racionalidade ocidental, cartesiana, a existência da Cobra Grande não é real, não foi documentada, sua existência é apenas a de um mundo possível. Acredito em cobras grandes reais de até 10 metros e jamais em cobras grandes reais de até 500 metros, e nem em cobras oriundas de encantamentos. Esse embate a nível cultural, dentro de horizontes sociais diferentes, faz com que o narrador exceda em visão ao meu mundo. Ele vê coisas que eu jamais verei, ele ocupa um lugar privilegiado para enunciar sua narrativa. Como seu interlocutor, acompanho-o sem saber efetivamente o passo seguinte que dará em sua narrativa.

Tais afirmações trazem à discussão o conceito de sujeito. Duas contribuições podem ser aqui destacadas. A primeira é de Paulo Freire (1970) que propõe uma reflexão sobre a totalidade do ser histórico e seu mundo, e unifica estes conceitos na construção do sujeito. Dizendo de outra forma, a construção do sujeito vem pela história e pelas suas relações sociais. Assim, a primeira característica do homem freireano é colocar-se como “ser de relações”, situado e datado. Bakhtin fala em não descolar o homem de sua “situação concreta”. Para eu me situar como sujeito necessito estar situado no tempo e no espaço. E isso traz como consequência o reconhecimento de que o homem é uma vida em projeto e é um contínuo fazer-se, e somente sendo ser social, convivendo dentro do seu mundo, de sua cultura, com outros seres em projeto é que ele vai se completando.

Uma segunda característica do sujeito freireano é que ele se confronta com os desafios de sua época, e, com isso, se historiciza. Para que se dê este embate com a história o homem não pode viver manejado pelos mitos, vivendo com uma consciência mágica ou semi-intransitiva, que é típica das sociedades dependentes, e que têm como única forma de se integrar ao sistema o viver à margem do mesmo. Uma forma de superar esta alienação é “pronunciando a palavra”, “lendo o mundo”, buscando passar ou para a consciência transitivo-ingênua ou para a consciência crítica, libertadora.

Uma terceira característica do sujeito freireano é que ele alcança seu sentido de transformação cotidiana e permanente de seu espaço pela práxis. Se o homem não pode recriar seu mundo físico, por ser independente dele, pode recriar e revolucionar seu mundo sócio-cultural, e com isso vai se humanizando. A consequência dessa práxis é fazer do homem “um ser de comunhão”. Por isso ele necessita do outro para estabelecer um diálogo, e também por isso ele tem o direito de pronunciar a palavra.

A segunda contribuição para discutir o sujeito vem de Álvaro Vieira Pinto (1967). Ao tratar desta questão, em *Ciência e Existência*, ele envereda pelos mesmos caminhos freireanos, e apenas acredita que o homem se faz homem em condições sociais e históricas. Se estas desaparecerem o homem se bestializará. E vai além ao propor que nosso tornar-se sujeito e nossa racionalidade não podem ser originários de um “cogito, ergo sum”, uma vez que isso seria ontologicamente impossível, mas antes somente de um “cogitamus”, que traz em si um “cogitor” - “eu sou pensado”, e um “cogito”- “eu penso”, e ambos como alternantes de um momento único, quando o sujeito sai de si para ser e se completar na relação dialética com o outro.

Geraldi (1994) se defronta com esse mesmo desafio. Tome-se como referência a discussão apresentada em *Políticas de Inclusão em Estruturas de Exclusão*. Ao analisar o processo de “constitutividade” do sujeito, um ser permanentemente incompleto, Geraldi centra esse processo no trabalho que se coloca como porta da linguagem: “Se a experiência de mim vivida pelo outro me é inacessível, esta inacessibilidade, a mostrar sempre a incompletude fundante do homem, mobiliza o desejo de completude. Aproximo-me do outro, também incompletude por definição, com esperança de encontrar a fonte restauradora da totalidade perdida. É na tensão do encontro/desencontro do eu e do tu que ambos se constituem. E nessa atividade, constrói-se a linguagem enquanto mediação necessária” (Geraldi, 1994:3).

Bakhtin também encara esse desafio e apresenta uma nova possibilidade, ao colocar frente a frente pessoas que falam de seus mundos, que têm um “projeto de dizer”, de pronunciar, não só palavras, mas visões de mundo, e se utilizam das palavras, esse território comum, como ponte, para fazer esse caminho. O importante são os sujeitos frente a frente, um Eu diante de um Outro, mediatizados por sua realidade mais próxima e por seu horizonte social mais amplo. Esses sujeitos estão realizando uma troca, e nesse ato, ao se constituir como o Outro, eles se hominizam e se humanizam. A composição do sujeito com sua realidade concreta é fundamental, uma vez que é esta que lhe organiza, lhe forma, determina concretamente sua forma de ser e de pensar, e vai determinar sua fala e os significados que serão colados às suas palavras.

Retomo, aqui, dados de uma pesquisa de campo, quando recolhi narrativas na área ribeirinha do Rio Madeira, em Porto Velho, para mostrar que cada narrador orientou sua narrativa face a um diferente “projeto de dizer”. O que apresento, nunca é demais clarear, é a minha leitura destas várias posições, o que significa que eu também explicito, nos dados, o meu projeto de dizer.

Diante do “seu” Chico em ação, narrando seus causos, há um grupo de pessoas, entre os quais eu, que procuram se apoderar de sua narrativa. Não é só um encontro “do saber transmitido pela boca e pelo ouvido” (Detienne, 1992:48), mas encontros de mundos diferentes e iguais.

Quanto à igualdade, diria que vivemos numa mesma fatia do universo, numa mesma época, numa mesma pátria, falamos uma mesma língua, estamos no mesmo lugar, gostamos de narrativas fantásticas ou míticas. Mas mesmo que isso revele igualdade nos horizontes mais amplos do viver, também revela diferença, uma vez que cada um de nós mantém uma relação única com estas realidades. Se não fosse assim, seríamos completos, plenos, prontos, e nossa relação com o mundo seria uma relação de completude, de quem não precisa de mais nada para ser o que é.

Qual poderá ter sido o projeto do “seu” Chico naquela longa roda de narrativa? Selecionei três narrativas contadas por ele para o presente trabalho.

Os índios Muras moravam por aqui tudo. Meu pai chegou do Ceará para trabalhar no seringal dos Ribeiro. Era um nordestino duro, trabalhador, cabeçudo. Logo ganhou uma carreira de seringa e se botou a trabalhar. Era dureza. Ele dizia que quando algum companheiro maltratava as seringueiras, a Mãe da Seringueira ia na frente batendo nas canecas para que elas não dessem leite, e por um bom tempo nem adiantava o cabra andar a carreira que voltava para casa com a panela vazia.

Na primeira narrativa, ao falar dos seringueiros que ocupavam aquela região, ele trouxe uma história de seu pai que afirmava que “quando algum companheiro maltratava as seringueiras, a Mãe da seringueira ia na frente batendo nas canecas para que elas não dessem leite, e por um bom tempo nem adiantava o cabra andar a carreira que voltava para casa com a panela vazia”. É possível fazer uma leitura em que se afirma que, se houver uma desordem - maltratar seringueiras, alguém precisa refazer a ordem. No caso é a Mãe da seringueira que se encarrega disso.

Eis, a seguir, uma segunda narrativa:

Quando os seringueiros foram chegando nessa região vieram sem mulher. Um deles se engraçou pela filha do cacique dos Mura, e ela se chamava Cunhã. E um dia de tarde, voltando da carreira de seringa, roubou ela, se aproveitou dela bem ali na beira do lago, e depois a esfaqueou e jogou dentro d’água. Mas ela não morreu, e sim se encantou, transformando-se numa cobra grande e ainda hoje mora aqui no lago, dentro do Poço Preto. Ela que criou isso aqui e sustenta isso aqui. Se ela sair daqui tudo isso se acaba. Há uns tempos passou aqui dois aviadores e viram ela dentro do poço, bem grandona. Esse poço acho que nem tem fundo. Já vieram uns caras aqui com um aparelho para medir a fundura, mas não acusou nada. E ela nunca deixa ninguém daqui ter mais que os outros. Minha mãe mesmo já chegou a ter mais de vinte cabeças de gado, mas um dia o gado começou a morrer todinho, e até minha mãe também morreu. Já faz bastante tempo.

Na segunda narrativa, que trata da origem da Cobra Cuniã que por sua vez deu origem ao Lago Cuniã, um paraíso terrestre à beira do qual moram “seu” Chico e mais 37 famílias, aparecem estes elementos, revelando a quebra da ordem: vieram homens sem mulheres; um seringueiro se engrança por uma índia; o homem se aproveita da índia e a esfaqueia; seu corpo foi jogado dentro d’água. Essa situação de desordem produz o caos. É preciso recolocar as coisas no lugar. Quem faz isso é o “encante”. Novamente uma intervenção de fora vem arrumar as coisas, o caos. Nessa narrativa “seu” Chico parece ir além, e faz, no meu entender, uma atualização do conteúdo mítico da Cobra Cuniã que protege, ao afirmar que “ela nunca deixa ninguém daqui ter mais que os outros”. Nesse período o presidente

da Associação de Moradores comprara um barco e centralizava a compra de peixes do Lago, o que estava causando um mal-estar entre os moradores. O narrador deixa claro que, se houver essa possibilidade de alguém ter mais que os outros, a Cobra Cuniã intervirá, e a pessoa poderá até morrer, pois a ameaça do narrador tem um exemplo em sua própria mãe: “até minha mãe também morreu”.

Uma terceira narrativa retoma um tema bem popular e de ampla divulgação na região, e mantém o projeto de dizer do narrador:

Norato Cobra Grande era encantado numa cobra, numa cobra muito grande. Eram em dois: ele e a irmã dele. Daí a irmã danou a malinar o pessoal. O pessoal ia descendo o rio na canoa e ela alagava a canoa e deixava o pessoal morrer. Ela fazia tudo isso. Norato cobra grande sempre dizia a ela: "Não faça isso. Você não tem precisão de fazer isso com o pessoal. Porque você faz uma coisa dessas? Alaga o povo que vai na canoa só para matar afogado!". A irmã não dizia nada e continuava malinando o pessoal. Quando foi um dia ele vinha nadando e encontrou-se com a irmã dele e outra cobra braba com quem ela estava amigada. Norato foi então reclamar que ela não devia fazer aquilo, pois que eles eram encantados, não eram cobras verdadeiras. Aí a cobra braba se arvorou de valente para o lado dele, e tiveram uma briga danada. A água se fervia onde eles estavam brigando, um tremor de água medonho. Até que Norato venceu a cobra braba e a matou. Depois da morte do amante a irmã e Norato brigaram muito. Ela estava muito zangada com o irmão. E Norato também não agüentava ver o que a irmã fazia com as pessoas. Tiveram então uma violenta briga, e Norato acabou matando a irmã. E então ele vivia pelos rios, e de noite sempre se transformava em homem para ir nas festas. Um dia ele dançou a noite toda na festa. E quando foi lá pelas cinco da manhã ele foi embora. Havia deixado a casca dele abandonada numa casa, na beira do rio. Quando ele se transformava em pessoa, tirava aquelas cascas que as cobras têm. Ao chegar em casa muito cansado se transformou em cobra. E agarrou no sono. Ao acordar, numa certa hora do dia, estava uma multidão de gente espiando aquela monstra cobra. Ele assustado correu e entrou na água. Depois de muito tempo Norato transformou-se em pessoa e falou para um camarada que ia aparecer uma cobra muito grande e que ele atirasse na cobra, mas não atirasse para o lado da cabeça, mas sim para o lado do rabo. Assim o encanto se desfazia. Depois de alguns dias, quando o homem deu fé, estava aquela monstra cobra perto dele. Ele ficou tão nervoso que ao atirar acertou na cabeça, bem nos olhos. Ele não morreu, mas ficou cego. E assim acabou o encanto e a lenda do Norato Cobra Grande.

Na narrativa de Cobra Norato estes elementos que explicitam um projeto de dizer que o status quo deve ser mantido são constantes: de um lado a irmã malinava o pessoal e os deixava morrer, de outro Cobra Norato repreende e mata a irmã; de um lado Cobra Norato queria conversar com a irmã e foi atacado pela cobra braba com quem a irmã estava amigada, de outro lado Cobra Norato mata a cobra braba; Cobra Norato ia nas festas para se divertir, mas uma multidão foi espia-lo dormindo; ele era Cobra Grande, mas quem se assustou foi ele. E tudo isso precisava ser recolocado no seu devido lugar, e o desencantamento era o único caminho. A Cobra Norato precisava morrer. Mesmo o rito de desencanto não deu certo; era para o tiro ser no rabo da cobra e foi dado na cabeça. Isso condenou Norato a ficar cego: quebrou o encanto, nasceu a lenda, e “ele não morreu, mas ficou cego”. Este pode ter sido o projeto de dizer do “seu” Chico: as coisas tem que ser mantidas dentro da ordem.

“Seu” Benedito, um narrador que tem uma banca no Mercado Municipal de Porto Velho, também tem seu projeto de dizer, revelador de sua cosmovisão, e dele também separei três narrativas. O imaginário em suas narrativas encontra-se inserido em um contexto de trabalho.

O vizinho da gente, lá para as bandas de Costa Marques, no seringal do Pedro, tinha uma filhinha pequena que um dia sumiu. Juntou-se muita gente, tudo cabra experimentado em andar no mato e procuramos durante três dias e nada. Não tinha carreiro de seringa que não se passou, e cada buraco, barranca de igarapé, nascente, tudo foi revirado. O pai da menina foi num rezador e ele garantiu que deviam procurar mais que achariam a garota. No sétimo dia meu pai procurava perto de uns grotões e viu o curupira, cabelos compridos, pés virados, com cara de guri levado. Logo ele sumiu e meu pai foi até onde ele estava, e lá estava a menina, na toca de um tronco, bem alegre, forte e com saúde. Foi uma festa no seringal.

Na primeira narrativa, “seu” Benedito fala de uma menina que sumiu lá no seringal em Costa Marques. Ele está falando da vida daquela gente, vida de trabalho, de seringueiro. E nos coloca dentro do mundo fantástico, ao fazer o curupira roubar esta menina. E foi seu pai quem a encontrou, não sem antes ter visto o curupira. E “foi uma festa no seringal” nos recoloca de volta no ambiente de trabalho.

Levantei cedo naquele dia, e como sempre me preparei para o trabalho. Morava sozinho numa casinha de palha perto do meu carreiro de seringa. Fiz um café, tomei, fiz minhas orações costumeiras, botei a faca na cinta, a espingarda nas costas, peguei os apetrechos e sai. Ainda estava muito escuro. Fui cortando as seringas e cantando. Eu gostava de cantar umas rezas e isso fazia o tempo passar desprevenido. Já estava claro, bem claro, quando eu dei fé e estava perdido. Seis anos já que eu passava todo santo dia por aquele carreiro, e naquele dia eu estava perdido. Olhava, e olhava e tudo me parecia estranho. Dei uma voltas para ver se me achava, e nada. Então me lembrei que podia ser o curupira, querendo se divertir comigo, me fazendo de doido. Peguei logo meu cigarro de palha e acendi e coloquei ele aceso numa forquilha de pau numa encruzilhada da picada; virei minha camisa do avesso e cortei um pedaço de cipó e trançei uma rodilha, guardando bem as pontas, para ser difícil de achar. Quando fiz tudo isso parece que minha vista se clareou, e eu vi muito bem onde estava. Era o curupira que estava me prendendo no mato.

Na segunda narrativa, ele fala do seu próprio trabalho: era seringueiro, morava só, levantava cedo para trabalhar, cantava e rezava. Um dia se perdeu na estrada da seringa. Foi seu dia de ter um encontro com o curupira. Não o viu, mas sofreu nas suas mãos. Produziu vários ritos de desencantamento e foi liberado para voltar ao trabalho: “quando fiz tudo isso parece que minha vista se clareou, e eu vi muito bem onde estava”. Estava no carreiro da seringa, no local de trabalho.

Minha avó diz que existiu a cobra Norato. O Noratão, diz minha vó, que existia uma mulher que estava nos tempos dela, e foi ficar no porto, aí se engravidou. Foram ver a história dela e não tinha pai. As parteiras apalpavam e era filho. Nasceram duas cobras, um macho e uma fêmea. Aí fizeram um tanque grande e colocaram elas aí para se criarem. Esconderam o fato, porque a moça era muito bonita. Aí elas se criaram até ficarem grandes, aí uma falou, o macho, que não podiam ficar aí, tinham que ir para o rio. Com muita pena soltaram as cobras. O macho era o Honorato, a fêmea não lembro o nome dela. Sempre vinha visitar a

mãe; na terra se transformava em pessoa e na água em cobra; vinha visitar a mãe escondido. Quando um dia Honorato falou: "Mãe, eu quero me desencantar e vocês tem que me ajudar, tem que fazer assim: eu venho numa festa, a minha irmã não quer vir, ela casou com outra cobra e vai ficar por lá, eu venho na festa, aí tem que arrumar uma pessoa que tenha coragem, ela tem que entrar na minha boca, ir lá dentro no gogó, dar uma facada, que a faca entre todinha no pé da língua, aí o sangue vem todo na pessoa, mas a pessoa não precisa ter medo, aí eu me transformo. Deixo a casca e viro gente para viver com a senhora. A mãe arrumou a pessoa, aconteceu numa praia, a pessoa era corajosa, ela foi lá e enfiou a faca, saiu fora todo melado de sangue, entrou na água, se lavou e veio para casa, e com três ou quatro horas que estava em casa, o Honorato chegou para fazer a vida com a mãe, foi na cidade de Salto Paioroca. Honorato veio feito homem e permaneceu com a mãe até a morte, a irmã ficou no rio.

Ao relatar o mito de Cobra Norato, este projeto de dizer é trocado por outro, mesmo ele estando a falar para trabalhadores; ele moraliza o mito, e o insere em uma moral familiar: é a avó que fala; a mulher não tinha marido; as crianças não tinham pai; nasceram, por isso, cobras; o macho sempre vinha visitar a mãe; ele pede à mãe que o ajude a desencantar; a mãe procura uma pessoa que o ajude a realizar o rito de desencantamento; e "Honorato chegou para fazer a vida com a mãe"; "Honorato veio feito homem e permaneceu com a mãe até a morte". Como aparece, a moral da narrativa vai se afinando em padrões de ética familiar.

Quanto ao projeto de dizer de "seu" Antônio, o pescador do mercado do peixe, ele está presente em seis narrativas que selecionei. É possível afirmar que ele fala de trabalho, unicamente de trabalho.

Cada vez que a gente passa pela região do Cantagalo, já há muito tempo, a gente sempre escuta muito barulho na água. É vaca berrando, galo cantando, cachorro acuando, gato miando e tem vez que a gente ouve uma coisa parecida com uma orquestra tocando, como se fosse um baile longe. Meu pai disse que lá tinha uma vila, e que um dia estava todo mundo no salão do baile que ficava perto da barranca, quando deu um barulhão danado e tudo afundou. Ele fala que era uma cobra grande que morava debaixo do barranco, e como ela cresceu muito e não cabia mais no buraco teve que se mudar. Nesse dia o barranco caiu, pois era ela que segurava, e tudo se encantou. E só passar lá para ouvir. Se a água está clara, lá por final de Outubro, Novembro, quase dá para gente ver a vila afundada.

Ao narrar sobre a vila encantada e submersa, ele remete ao espaço físico - "cada vez que a gente passa pela região do Cantagalo", que é o trajeto que fazem para ir pescar. Introduce a segunda narrativa dizendo que "no verão passado, a gente estava descendo o Madeirão, em direção à boca do Jamari, para ir pescar, quando...", e então nos introduz no mundo imaginário.

No verão passado, a gente estava descendo o Madeirão em direção à boca do Jamari, para ir pescar, quando a noite pegou a gente ainda no rio mais ou menos em frente à fazenda Aliança, naquele barranco que a cobra grande abriu o igarapé. A gente viu dois faróis brilhando a uns cem metros de onde a gente estava e pensamos que fosse um barco ou uma voadeira subindo, mas a água estava fazendo um banzeiro danado. Costeamos mais o barranco da esquerda e acho que foi Deus que ajudou porque uma cobra imensa estava atravessada no rio quase de margem a margem, fazendo como que uma barragem, e aí vimos que aqueles faróis

eram os olhos da bicha brilhando na escuridão. Em Julho agora, nas cheias, a bicha comeu o Valdemar, um pescador de lá. Só foi achado umas madeiras do barco dele.

Em seguida fala de um pescador, “não lembro como era o nome daquele pescador, mas dizem que estavam pescando de noite, uma noite clara de lua cheia...”, e da mesma forma nos introduz em um mundo povoado por uma sereia ou mãe d’água, e fico imaginando Ulisses amarrado a um mastro para resistir aos encantos de seus cantos e encantamentos, coisa somente possível ao pescador porque seus companheiros o seguraram e o amarraram. O que revela o imbricamento entre o mundo do trabalho e o mundo do encantamento.

Não lembro como era o nome daquele pescador, mas dizem que estavam pescando de noite, uma noite clara de lua cheia, e apareceu uma mulher linda, sentada na popa do barco, toda vestida de branco, com os cabelos pretos, lisos e bem compridos. Quando ele foi perguntar quem ela era e o que ela queria, ela se atirou devagarinho, de costas na água. Ele correu, pensando que ela tivesse caído, e viu ela dentro da água, chamando ele, fazendo sinal para que ele fosse com ela. Se os companheiros não tivessem segurado ele firme, até amarrado ele no frigorífico do barco, ele com certeza teria morrido afogado.

Ainda insiste, na narrativa seguinte, no tema do trabalho, ao dizer que “eu estava com mais três companheiros pescando perto da cachoeira do Teotônio, num dia de noite, com uma chuvinha fininha, quando nosso barco de repente bateu num tronco” e aproveita para nos apresentar a uma cobra grande.

Eu estava com mais três companheiros pescando perto da cachoeira do Teotônio, num dia de noite, com uma chuvinha fininha, quando nosso barco de repente bateu num tronco. Foi uma pancada tão forte que quase caímos n’água. Peguei rápido a lanterna e quando clareei a frente do barco levei o maior susto da minha vida, pois vi que aquilo não era um tronco, mas uma cobra enorme. Sua grossura era como um tonel de gasolina desses de 200 litros. Demos sorte porque ela foi embora, mas até hoje não me esqueço disso.

Do mesmo jeito ele nos apresenta, na narrativa seguinte, uma família que ele conhece “na boca do Jamari”, que é onde eles costumam pescar. Ele circunda o seu mundo, anda nos seus limites, fala do seu que-fazer, e circunscreve-se a esse território em que os encantamentos acontecem.

Na boca do Jamari eu conheço uma família que tinha um filho que sofreu um encante de mãe d’água. Quando ele acordou à noite sentiu que alguém o estava puxando pelo pé e arrastando. Agarrou-se no batente da porta e abriu um berreiro, e seu pai já saltou da cama com o terçado na mão. Logo estava a família inteira agarrada no rapaz, puxando ele para dentro de casa, e aquela coisa estranha puxando ele para fora. Quando conseguiram colocá-lo dentro de casa, o pai foi até a casa de Seu Raimundo, um rezador, e trouxe ele para rezar pelo rapaz. Ele passou o resto da noite rezando, benzendo, passando ramos pelo corpo e defumando o moço. O rapaz estava estaqueado na cama, estirado, com os dedos todos retorcidos, os olhos esbugalhados e babando. Não adiantou nada. De tarde o rapaz se levantou, fugiu de casa e se atirou no rio, chamado pela mãe d’água, e até hoje não acharam o corpo dele.

Por fim, ao narrar Cobra Norato, ele escancara seu tema ao apresentar um Honorato bem próprio, não presente em outras narrativas: o Honorato e sua família eram conhecidos de um amigo seu; estava ali um rapaz a quem Honorato havia ajudado a desenganchar a tarrafa presa no fundo do rio; e ele carregou 150 enormes feixes de palha; e Honorato tem até filhos e “faz muito tempo que o esteio da casa dele está lá e ninguém arranca”. Parece não sobrar dúvidas: “seu” Antônio fala de trabalho, do seu trabalho, e esta atividade está rodeada de seres encantados.

Honorato, pessoa que morava na região, não sei se ele virava cobra grande. Tenho um amigo que diz que Honorato morava no lugar do pai dele, conhece o resto da família, mas não chegou a conhecer o velho Honorato, mas sabe que tinha mistério. Esse rapaz que tem aqui enganchou um tarrafão no rio, mandou chamar o Honorato, e ele desceu, foi lá, mergulhou sem aparelho, sem proteção de nada. O rapaz olhou no relógio, e viu que ele passou uma hora e pouco embaixo d'água e soltou a tarrafa. Então diziam que ele virava cobra grande. Um dia o homem que trabalhava com ele mandou ele tirar uma palha, mandou tirar 150 feixes de palha. Daí o rapaz foi tirar no Rio Preto, esse rio que tem aí, já de tarde. Daí diz o velho Vieira, que era compadre do Honorato, vou chamar o compadre para ajudar vocês a baterem essa palha. Daí eles foram dormir, e às 4 da tarde ele mandou chamar o compadre e disse: 'compadre, tem uma palha lá fora para mim'. Daí o Honorato foi embora, e levantou cedo, às cinco horas, e foi para beira do rio, e nem chamou ninguém. Quando foi às sete horas ele chegou com a palha e disse: 'taí a palha, meninos'. E eles disseram: 'O Sr. já trouxe a palha?'. Aí ele disse: 'É, dei três viagens de lá para cá. 150 feixes, trazia cinquenta feixes cada vez'. Cada feixe de palha dá em torno de 40 quilos. Esse Honorato tem aí filhos. E faz muito tempo que o esteio da casa dele está lá e ninguém arranca.

Pode-se concluir, desta forma, afirmando que o sujeito narrativo vai se constituindo ao estabelecer na interação um projeto de dizer. E, para dar conta da arquitetura de seu querer-dizer, ele opera, naquela interação, com o conjunto ideológico possível, e se utiliza de um gênero de dizer que seja capaz de expressar o trabalho lingüístico desenvolvido, que tanto vai se utilizar de um estoque comum de narrativas e do sistema de língua, quanto vai atualizar a ambos, garantindo um sentido renovado e atual ao que está sendo dito. Daí que nesta atividade, tanto o sujeito quanto a narrativa, bem como o sistema ideológico e a língua, vão se revestindo de novas significações e se historicizando. E construindo uma unicidade pela interação, pelo uso do gênero e pelos enunciados.

BIBLIOGRAFIA:

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 3.ed., São Paulo, Hucitec, 1986.

_____. Estética da Criação verbal. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

DETIENNE, Marcel. A invenção da mitologia. Rio de Janeiro, José Olympio; Brasília, UnB, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 15.ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

GERALDI, João Wanderley. "Políticas de inclusão em estruturas de exclusão". In: Linguagem e ensino - Exercícios de militância e divulgação. Campinas, Mercado das Letras, 1996.

MIOTELLO, Valdemir. Um mito amazônico em narrativas de roda - repetição e mudança nos processos enunciativos. Campinas, Unicamp, 1996. Dissertação de Mestrado.

PINTO, Álvaro Vieira Pinto. Ciência e existência. 2.ed., R.J., Paz e Terra, 1979.

VITRINE

PESQUISA NA AMAZÔNIA **Intervenção Para O Desenvolvimento**

JANUÁRIO AMARAL & outros (org.)
Editora da Universidade federal de Rondônia - EDUFRO

SUMÁRIO: A Produção Agrícola Ribeirinha em Solos de Várzea no Rio Madeira, Contexto de uma Comunidade Ribeirinha, A Agricultura Ribeirinha do Baixo Madeira e o Processo de Globalização, Uma Experiência de Ecoturismo de Base Comunitária em Reservas Extrativistas na Amazônia e seu Papel como Ferramenta para/atraves da Educação Ambiental; Vales do Madeira e Mamoré, uma Proposta de Sustentabilidade a Partir das Atividades de do Turismo Ambiental, Histórico e Cultural; A Colonização Agrícola das Novas Terras da Amazônia, A Formação do Alfabetizador Ribeirinho da Amazônia; Quais os Desafios para uma Agricultura Sustentável em Rondônia; Desenvolvimento Sustentável: Histórico e Discussão Conceitual; Uma Ponte para o Desenvolvimento: O Papel das Universidades; A Educação Popular e Saúde e os Cuidados com a Água junto a Ribeirinhos: Relato de Experiência; Construindo Cidadania a Partir do Desenvolvimento Local Sustentável e Integrado.

Áreas de interesse: Geografia, História e Meio Ambiente.

Palavras-chave: desenvolvimento sustentável, ecologia humana, populações tradicionais, pesquisa.